

**SAMUEL KAWAHARA**

**O cancioneiro do Conde Pedro Afonso de Barcelos (1287-1354):  
relações culturais e políticas no Portugal tardo-medieval**

**Monografia apresentada à disciplina  
De Estágio Supervisionado em  
Pesquisa Histórica como  
Requisito parcial à conclusão  
Do curso de História, Setor de  
Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcella Lopes Guimarães**

**CURITIBA  
2015**

# **O CANCIONEIRO DO CONDE PEDRO AFONSO DE BARCELOS (1287-1354): RELAÇÕES CULTURAIS E POLITICAS NO PORTUGAL TARDO-MEDIEVAL**

## **RESUMO**

Este presente trabalho tem como objetivo analisar a obra de D. Pedro Afonso de Barcelos, conde português que viveu entre 1287-1354. Famoso por seu *Livro de Linhagens*, pela atribuição da *Crónica de 1344* e por seu cancioneiro, em que trata de temas lírico-amorosos e de canções e poesias de escárnio e maldizer, possui uma obra que abrange cerca de 10 poemas preservados pelo tempo. Foi filho bastardo do rei de Portugal D. Dinis, também poeta notório. Esta monografia procura analisar, sobretudo, a lírica amorosa do conde, com um rápido cotejamento com a obra satírica.

Analizamos as cantigas no contexto, procurando relações com outras poesias trovadorescas daquele tempo. Procurou-se fazer uma transcrição das poesias, escritas originalmente em galego-português, transcrevendo-as em português contemporâneo, omitidas no texto da monografia, mas utilizadas na compreensão das obras.

O texto principal começa com a biografia de D. Pedro de Barcelos. Aachamos por bem fazer uma incursão na formação de Portugal ainda na época romana, estabelecendo laços com a monarquia visigoda e a moderna monarquia portuguesa. Depois há uma descrição do nobre, tentando ressaltar a sua personalidade e sua atuação na monarquia da época. Através de livros de linhagem e de suas poesias procura-se estabelecer um “perfil” imagético deste nobre, suas características e aptidões pessoais.

Segue-se então, para a análise dos poemas em si, dividida em duas partes, a lírica amorosa e a poesia satírica. Na lírica amorosa foram utilizados todos os poemas preservados pelo tempo, e na satírica apenas dois, por serem mais representativos da obra de D. Pedro.

Ressaltamos a fundamental contribuição da historiadora Adriana Mocelim, pesquisadora do NEMED e especialista na obra de nosso autor. As fontes primárias foram transcritas do site: [www.cantigas.fcsh.unl.pt](http://www.cantigas.fcsh.unl.pt), importante e completa base de dados da poesia medieval galego-portuguesa

**Palavras-chaves: Pedro Afonso de Barcelos, Trovadores, Cancioneiro Medieval.**

## ABSTRACT

This present work aims to analyze the work of D. Pedro Afonso de Barcelos, Portuguese noble who has lived between 1287-1354. He was famous by his book, the book of Lineages and his attribution of "Chronicles of 1344" and for his songbook, who says about lyrics and romances themes and poetries about "escarnio and maldizer", have a complete work who talk about cerca of 10 poems preserved by the time.

He was a bastard-son of King of Portugal, named D. Dinis, who was also a great poet. This thesis search to analyse, as well, a lirica-romanced of this noble, with a fast view with his satiric Works.

We analysed the songs on context, searching relation-ships with another poetries "trovadorescas" (troubadour) of this time. We looked at a transcripion of his poems, writed originally in Portuguese-Galecian, transcribed in contemporany Portuguese, hide on the main text but used in a comprehension of his Works.

The main text begins with a biography of D. Pedro de Barcelos. We concern to do a incursio on a formation of Portugal on Roman times, linked with the Visogode Monarchy and the modern Monarchy Portuguese. After this has a little descripion of this noble try to "highlight" his personality and his acts on royal kingdown of this time. Beyond books of lineages and his poems try to make a "profile" imagetico of his noble, his characteristics and his personals skills.

We go then to, the poems analized it self in two parts, the romance lyrics and the satiric poems. On romance-lyrics we used all the preserved poems by the time, and the satiric just two, because to be more representative of the work by D. Pedro.

We like to "highlight" the fundamental contribution of Historian Adriana Mocalim, researcher of NEMED, and especialista on the work of this autor. The primary-sources are based on this site : [www.cantigas.fcsh.unl.pt](http://www.cantigas.fcsh.unl.pt), important to conserved the based-data we used and for the understanding of poetry medieval of Portuguese-Galecian.

**Key-Words:** D. Pedro Afonso de Barcelos, Troubadours, Medieval SongBooks

## SUMÁRIO

<b>TITULO.....</b>	<b>2</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>CONTEXTO cultural, político e econômico.....</b>	<b>8</b>
<b>QUEM É O CONDE PEDRO DE BARCELOS?.....</b>	<b>12</b>
<b>O Cancioneiro amoroso de Pedro de Barcelos.....</b>	<b>16</b>
<b>O cancioneiro satírico de Pedro de Barcelos.....</b>	<b>22</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Este presente trabalho se refere ao estudo da obra de Conde Pedro Afonso de Barcelos(1285-1354), nobre português que viveu no século XII e XIII em Portugal. Sua vida, cheia de aventuras e recheada de histórias particulares, em torno da qual gravitam elementos constituintes da monarquia portuguesa e da vida na corte, tem grande ênfase na expressão de sua poesia.

Filho bastardo do Rei de Portugal, D. Dinis (1261-1325), viveu em uma época em que havia vários reinos na Península Ibérica, mas no qual Portugal cresceu e fortaleceu contra o perigo árabe e constituiu toda uma identidade particular.

Se podemos falar em uma identidade portuguesa na época, ela estava ligada a três aspectos: uma mistura do elemento árabe, judaico e cristão, herdeiro dos visigodos. Torna-se clara essa mistura na identidade das obras arquitetônicas mouriscas de Lisboa e da Andaluzia, e no idioma português, herdeiro do Latim vulgar que incorporou elementos do Árabe.

Portanto, falar de um cancioneiro a esta época significa refletir sobre a própria linguagem, ora latina, ora mourisca. Significa às vezes rastrear um “fenótipo-linguístico” presente nestas fontes.

Era comum à época em que D. Pedro Afonso de Barcelos viveu, a produção de cancioneiros. Ora, o que é um cancioneiro? É um conjunto de poemas sobre determinado tema, que expressam a personalidade do autor e que descrevem o cenário cultural e político da época.

Este cancioneiro, em especial, reflete questões como o amor, a vida e morte sempre ambientado no Portugal da época. Deve-se lembrar que este

modelo de “livro” foi um dos meios mais comuns de expressão literária do Mundo Medieval. Não foi uma exclusividade de Portugal ou Castela da época, mas esteve sempre presente na arte trovadoresca da Alemanha e dos Países Baixos e na Itália.

O Cancioneiro de D. Pedro Afonso de Barcelos é uma compilação de vários poemas dedicados ao “sentimento” do amor, quer em sua vertente platônica e imaginária, quer como uma autocrítica satírica e bem-humorada deste tema.

D. Pedro Afonso de Barcelos foi um nobre de uma linhagem muito antiga de Portugal que foi bastante presente desde a construção do reino visigodo em 700 D.C. Sua origem está em um nobre mítico que viveu neste período e ajudou a construção de um reino *proto-português*, e que subsistiu como linhagem até o século XV. Apesar desta origem nada humilde, D. Pedro Afonso de Barcelos era um filho bastardo, o que significa que não sucederia o pai no cargo real. Por este motivo, suas obras poéticas refletem um personagem à beira do poder, em que a sua influência se devia a uma personalidade intelectual bastante presente e a uma habilidade política, além de uma vertente artística apaixonante. Mesmo assim, para as outras fontes da época, mostram que ele tinha um grande carisma, sendo lembrado por todos, do povo à Corte. Sua biografia será descrita melhor nas páginas que se seguem.

Ao se trabalhar com o tema da poesia trovadoresca e a sua autoria, encontramos um grande problema. Como ilustrar e dar vida a um personagem do qual a História só guardou alguns poemas e uma sucinta biografia nos códices reais? Tentamos, na medida do possível, interpretar as obras a fim de chegar perto do personagem histórico.

As fontes estão escritas em galego-português, o que dificulta a compreensão do real significado delas hoje. Neste sentido se já há uma dificuldade na compreensão da obra poética do autor ainda em sua época, o que dirá agora. Mas o que podemos apreender e captar está disposto nas páginas que se seguem, orientados por trabalhos pesquisados sobre o tema.

Nesse sentido, a obra de Adriana Mocelim é o trabalho mais completo até hoje sobre o tema no Brasil. Desde a parte contextual da monarquia portuguesa, até a transcrição das fontes, sua obra consegue captar a vasta dimensão da obra de D. Pedro Afonso de Barcelos e consegue em certa medida fazer uma contemporização de seu contexto. É ainda uma obra de grande relevância no tema, sendo usada como fonte acadêmica até mesmo pelo Wikipédia, no verbete D. Pedro Afonso de Barcelos. Há ainda dois ou três artigos de Graça Lopes e Maria Ferreira, que abordam o sentido mais literário da obra de D. Pedro relativos a conceitos poéticos e filosóficos do tema. Abrangendo o conflito Verdade x Sinceridade Poética, é um estudo mais reflexivo no sentido filosófico do tema.

Esta monografia é um estudo de interesse que se soma a outras, ajudando a ter uma visão mais real do que foi a obra de D. Pedro de Barcelos e sua vida.

## **CONTEXTO cultural, político e econômico**

O Conde Pedro Afonso de Barcelos, autor do universo de fontes analisadas nesta monografia, nasceu em fins do século XIII, em ambiente cortesão e letrado. Era bastardo, mas filho do rei de Portugal, D. Dinis, o maior trovador do reino na época. Seguindo o pai, Pedro de Barcelos escreveu em Galego-Português, a língua intermediária entre o Latim Vulgar e o Português.

Desde a Reconquista, como foi conhecida a guerra contra os muçulmanos pela conquista de território consolidado pelo seu domínio desde 711, a Península Ibérica se dividiu em pequenos reinos, cada qual com sua administração própria, tanto da parte muçulmana quanto cristã. Uma dessas pequenas unidades daria origem à Monarquia Portuguesa que possuía uma forma de tributação própria, legislação e poder militar em cada região sujeitos a este Rei central.

O pai do Conde de Barcelos foi responsável pela criação de um Portugal unido em si mesmo, com uma monarquia comerciante com Inglaterra e França. Seu governo foi conhecido pela prosperidade e riqueza de bens e pensamentos. Ele próprio foi um grande trovador.

Por ser um filho bastardo, e o segundo filho na linhagem real, Pedro Afonso de Barcelos teve que deixar o governo para seu irmão mais velho, e filho legítimo de D. Dinis, aquele que se tornaria Afonso IV. Como sucessor de D. Dinis, foi considerado um bom administrador, embora as cortes tenham nutrido uma especial estima por Pedro Afonso ao invés de seu irmão.

Havia três estados ou ordens distintas neste período. A Nobreza, o clero e o povo. Inseridos no mundo feudal, onde o feudo, era a unidade mínima de terra, foi neste mundo tripartido que nasceu D. Pedro de Barcelos. Por ser um



nobre, pois possuía o título de Conde, o “camponês” devia ser motivo de reflexão e estudo em suas poesias. Com o cancionero, D. Pedro devia mostrar em suas poesias como via o povo pequeno, a massa que mal sabia ler.

Neste mundo de guerras sucessórias é que viveu o conde de Barcelos. Sua expressão literária abrange o início da consolidação da língua portuguesa, que convivia também com a formação do Catalão e do Castelhana.

Para um nobre como Conde de Barcelos<sup>1</sup>, provavelmente esta divisão também representava uma diferença linguística considerável, visto que, o Português do lado oeste da península era muito diferente do Castelhana ao Leste<sup>2</sup>.

Neste sentido há três línguas diferentes que se falavam nesta região. O *Castelhana* no centro da Península, o *Galego* ou *Português* no centro-norte de Portugal, e o *Basco*, e o *Catalão* no extremo leste da Espanha.

Apenas uma instituição reinava forte e bem organizada dentro do mundo feudal: a igreja com seu clero, sistemática e bem hierarquizada. Como detentora do conhecimento, do *latim*, da *gramática*, da *retórica*, da oratória e do discurso, o peso do seu conhecimento se espelhava na linguagem.

Neste período, o Latim sofria uma profunda transformação, com as línguas vernáculas em ascensão. O Português, o Galego, o Francês e o Italiano surgem aí, provavelmente, desde o fim do Império Romano. Fruto do uso contínuo entre os padres, as línguas vernáculas representavam uma mudança também no pensamento intelectual da época, que acontecia dentro dos debates acadêmicos do clero.

---

<sup>1</sup> O próprio nome Barcelos indica uma miscigenação linguística, Bar significa “filho” em Árabe e “cello” Céu em latim.

<sup>2</sup> da origem do nome “de Castela”.

Neste mundo surge uma classe de padres que satirizavam o cotidiano e mostravam um conhecimento científico aberto ao povo. Eram os *Goliardos*, espécie de intelectuais livres, que recebiam sua sobrevivência pelos recursos de doações locais. Eles inauguravam um novo tipo de poesia, aberta ao público e falada em língua vernácula. Estavam presentes em toda a Europa, e difundiam estas novas literaturas.

As línguas dos *Trovadores*<sup>3</sup> eram o galego-português, o italiano, o francês, o provençal e o gascão. Pode-se dizer que a maioria destes trovadores eram cavaleiros que alteraram o curso da língua, mudando a linguagem, alternando-a para as línguas vernáculas.

D. Pedro de Barcelos provavelmente sabia ou conhecia estas obras, que podem ser percebidas em suas cantigas. A obra satírica, ou romanceada não é um privilégio de D. Pedro, mas eram intensamente praticadas por esta classe de intelectuais na literatura e da poesia.

Mas o que é imprescindível foi o papel destes livres-intelectuais na mudança da língua e da igreja na preservação destas obras. Coisa muito semelhante aconteceu com a cultura greco-romana, preservada pelos grandes pensadores da ciência, como Platão, e Aristóteles. Da mesma forma como ocorreu na Idade Média.

As obras profanas deste período de 1100 a 1300 D.C. podem ter três características principais: Romances, Cantigas Líricas que se dividem em Cantigas de Amor e Cantigas de Amigo e Cantigas Satíricas, que se dividem em Cantigas de Escárnio e Cantigas de Maldizer.

---

<sup>3</sup> A palavra trovador tem o seguinte significado; "trovar" cantar, declamar. Ver. Spina, A lírica trovadoresca, pág.17

Estes três tipos também se encontram na literatura portuguesa da qual D. Pedro de Barcelos faz parte. Classifica-se sua obra com as três características citadas acima, em especial, a cantiga de amor.

Suas obras escritas em galego-português têm pequenas variações do Português moderno como “*non*” no lugar de “não”, “*mia*” no lugar de “minha” etc<sup>4</sup>. Mas pode haver variações também no modo de raciocínio literário com expressões gerais de difícil definição.

Suas cantigas de amor e de sátira procuravam mostrar um mundo dividido em três ordens imutáveis e tão radicais entre si, que não correspondiam exatamente ao dinamismo da vida.

O Feudo<sup>5</sup>, como era conhecido os senhorios que eram divididos entre si, entre os nobres de uma família e eram impessoais e intransmissíveis. Nesse sentido a riqueza era uma espécie de dom, uma espécie de benesse de nascimento. Portanto, é fácil de entender que as cantigas de amor dos nobres eram um mundo fechado de cortes e maneiras, que se aprendiam de pai para filho.

Os castelos refletiam este mundo e carregavam o mundo das cantigas de uma luz que somente o mundo medieval poderia iluminar.

---

<sup>4</sup> Ver as poesias de D. Pedro Afonso de Barcelos mais adiante.

<sup>5</sup> Segundo Oliveira Marques: “ Entre os feudos detidos por vassalos laicos e pelo próprio rei, contavam-se igrejas paroquiais, mosteiros e capelas.” (In\_OLIVEIRA.Marques.pág.80)

## **QUEM É O CONDE PEDRO DE BARCELOS?**

### **A Linhagem de Conde Pedro Afonso de Barcelos**

Conde Pedro Afonso de Barcelos descende de uma família real portuguesa, que já no século XII e XIII governara todo Portugal. A família da qual descende Pedro Afonso de Barcelos vem de D. Dinis, um nobre português descendente antigo dos Reis Visigodos da Portugal “Romana”. Neste sentido:

“ Iniciamos a análise a partir da ascensão de D. Diniz ao trono do reino português em 1279, que ascende ao trono quando o reino passava por um período conturbado. Com a doença de seu pai Afonso III, os últimos doze anos de governo foram de intranquilidade, pois não conseguiu o monarca dirigir a administração pública, com um aumento da criminalidade e da violência no campo social. “ (in\_MOCELIN. A. pág.4)

Com um ambiente conturbado pelas guerras internas, D. Dinis com muita sabedoria propôs acordos com as casas do reino de Portugal, centralizando-os em sua figura.

Depois de pacificar Portugal, e conquistar os reinos que ainda restavam, D.Dinis morre e deixa um sucessor. Seria ele, o futuro Afonso IV, com seu irmão bastardo, Pedro Afonso de Barcelos.

“ Em 1315 o infante D. Afonso (Futuro Afonso IV) incompatibiliza-se com o pai, D.Dinis, por razões relacionados ao valimento na corte de seus meios-irmãos , Afonso Sanches, João Afonso e Fernão Sanches. Os nobres portugueses solicitavam a designação de um cavaleiro para os representar junto ao processo sobre o resultado das inquirições de 1307, que continuavam no tribunal da corte.” (In\_MOCELIN.A.pág.8)

## **Pedro Afonso de Barcelos, o “guerreiro”**

Pedro Afonso de Barcelos nasceu em torno de 1280 e faleceu em 1354.

“ O Autor do Livro de Linhagens, Pedro Afonso, foi filho bastardo do rei D.Dinis de Portugal com Grácia Aires , nasceu em torno de 1280 e faleceu em 1354. Foi casado duas vezes a primeira com Branca Peres, filha de Pêro Anes de Portel, filho de D.João de Aboim, e de D.Constança Mendes de Souza, filha de D.Mem Garcia de Souza, membros de famílias importantes de Portugal. Desse casamento teve um filho, que morreu ainda menino.” (In\_MOCELIN A, pág.16)

Ele casou-se depois com outra nobre, de grande prestígio. Pode-se perceber que era uma pessoa de especial estima e honra pelos seus semelhantes e nobres, assim como seu pai o estimava mais que seu irmão Afonso IV.

“ No ano de 1314, estando D.Dinis já envolvido em conflitos com o Infante Afonso, e preocupado com possíveis dissidências, resolve fazer doações a seus filhos de modo a amenizar possíveis divisões domésticas entre eles, é nessas circunstâncias que Pedro Afonso recebe como doação vitalícia o Condado de Barcelos, o único existente no reino português, além do título de Alferes Mor.” (In\_MOCELIM.A , pág.16)

Graças à doação deste condado, é que Pedro Afonso recebe o título de Conde de Barcelos, título que o acompanhará até o fim da vida.

Além de ser um excelente nobre agindo politicamente nas cortes, Pedro Afonso lutou em várias guerras, ora ao lado de seu pai D. Dinis, ora ao lado de seu irmão Afonso IV. Foram guerras internas contra pequenos reinos e pequenos motins.

“ Após a morte de D.Dinis em 1325 e a ascensão ao trono do Infante Afonso como Afonso IV, o Conde Pedro de Barcelos fixou-se no Paço de Lalim perto de Lamego, participando em certos momentos de conflitos gerados entre os reinos de Castela e Portugal, combatendo ao lado de seu irmão Afonso IV).” (In\_MOCELIM. A pág.19)

Lutou contra as nações estrangeiras entre elas a França e a Inglaterra na guerra dos 100 anos, além de ter de combater outros problemas como a Peste que varreu a Europa e dizimou 2/3 dos Portugueses.

## **Pedro Afonso de Barcelos, o “Intelectual”.**

Além do cancioneiro que iremos analisar, ele escreveu muitas outras obras, em especial, destacamos o “Livro de Linhagens”, que além dos poemas foi sua obra mais famosa.

Neste período, na Europa, surge o que se chama de Livro de Linhagens, onde as famílias nobres e aristocráticas poderiam buscar suas raízes genealógicas para legitimar sua descendência ou para adquirir títulos nobiliárquicos.

Para Pedro Afonso de Barcelos, este livro de linhagens deveria fazer um panorama histórico desde a chegada dos Visigodos a Portugal até a formação do Reino Português do qual seu pai foi o maior construtor.

“ A obra do Conde Pedro de Barcelos tem como característica desvendar o quadro senhorial português que antecede a grande crise da primeira dinastia e constituir, a esse título, um notável documento histórico para compreender a fase inicial do Reino. Sua obra é considerada ainda uma das melhores fontes para o estudo da história social portuguesa no período da dinastia afonsina, tal fato deve-se á enumeração de gestas, nomes e de costados presentes na obra.”(In\_MOCELIM. A, pág.19)

Além disso, pode-se salientar esta face intelectual de Pedro Afonso de Barcelos:

“ (...) Foi um homem inclinado aos estudos, para escrever o Livro de linhagens teve boa comodidade, tanto no reino português, como nos reinos vizinhos, tal comodidade proporcionou-lhe averiguar os solares e as famílias citadas na obra.” ( In\_MOCELIM. A, pág.19)

Além dessas obras foram atribuídas outras obras como a Crônica Geral da Espanha, além de poemas líricos e satíricos.

“É atribuído ao Conde Pedro de Barcelos um amplo conjunto de obras literárias, de variada natureza no qual se inclui a Crônica Geral de Espanha de 1344 e o Livro de Linhagens, sendo que essas duas principais obras foram escritas na primeira metade do século XIV.”(In\_MOCELIM. A, pág.20)

Este Pedro Afonso “Intelectual” recebeu influência de sua própria família, de D. Dinis. Era um excelente cronista, assim como seu bisavô Afonso X. Foi uma das primeiras famílias de nobres em Portugal a despertar para o valor do registro Histórico e do pensamento Historiográfico.

“Percebe-se em seus escritos forte influência da corte castelhana em sua evolução mental, na leitura de textos históricos, no método historiográfico, colocado em prática por seu bisavô Afonso X. O Conde de Barcelos pode ser reconhecido como “Um dos primeiros escritores de língua portuguesa, não propriamente pelo valor da sua prosa, mas pela atividade que o situa nas raízes do movimento historiográfico nacional” (SERRÃO, 1979 p.374)

## O Cancioneiro amoroso de Pedro de Barcelos

### Poema 1

Nom me poss'eu de morte defender,  
pois vejo d'Amor que me quer matar  
por ãa dona; mais, pois m'eu guardar  
nom posso já de por dona morrer,  
catarei já das donas a melhor  
por que, pois mi há de matar, mat'Amor.

E pois Amor em tal guisa me tem  
em seu poder que defesa nom hei  
de parar morte; e pois eu certo sei  
que por dona a morrer me convém,  
catarei já das donas a melhor  
por que, pois mi há de matar, mat'Amor.

E bem vej'eu, per qual poder em mi  
Amor tomou, que nom hei defensom  
d'escusar mort'; e pois eu tal razom  
hei por dona de prender mort'assi,  
catarei já das donas a melhor  
por que, pois mi há de matar, mat'Amor.

A cantiga acima é formada por 3 estrofes e tem refrão. O sujeito que fala nela é masculino e o tema é o amor, o que segundo as categorias da *Arte de Trovar* classifica essa cantiga como cantiga de amor. Na 1ª estrofe, o eu poético afirma que não pode se defender de morrer de amor, portanto, vai procurar a melhor dentre todas as damas, pois se tem de morrer, quer morrer pela melhor. Nas outras estrofes, retoma essa ideia, observando que está submetido ao amor.

O eu poético deixa transparecer sua busca pela amada. Seu sentimento de culpa por não poder resistir ao amor só é comparável segundo ele com a



morte, ou sua ou da amada. Em determinado momento, o eu lírico se convence de que é impossível resistir e aceita o fato de que “me mate esse amor”.

Apesar deste tom de melancolia, o poema é uma mistura de tensões, ora em auge, ora em depressão. O poeta certamente criou um poema onde o contraste morte/vida, só é possível no dualismo amor/desilusão. Mesmo com esse contraste, que proporcionará ao poeta aceitar o destino final do amor, como ele mesmo diz: “Amor que me apaixonou sem defesas”.

## Poema 2

Nom quer'a Deus por mia morte rogar,  
nem por mia vida, ca nom mi há mester:  
[e p]oi[s] aquel que o rogar quiser,  
por si o rog'e leix'a mim passar  
assi meu tempo, ca mentr'eu durar,  
nunca me pode bem nem mal fazer,  
nem ond'eu haja pesar nem prazer.

E já m'El tanto mal fez que nom sei  
rem u me possa cobrar diss'; e nom  
sei, nem sab'outrem, nem sab'El razom  
por que me faça mais mal de quant'hei.  
E pois eu já per tod'esto passei,  
nunca me pode bem nem mal fazer,  
nem ond'eu haja pesar nem prazer.

E bem nem mal nunca m'El já fará,  
pois m'El pesar com tam gram coita deu,  
que nunca prazer no coração meu  
me pode dar, ca já nom poderá.  
E pois por mim tod'esto passou já,  
nunca me pode bem nem mal fazer  
nem ond'eu haja pesar nem prazer.

A cantiga é formada também por 3 estrofes e tem refrão. Este poema sem dúvida é um dos poemas mais tristes do conjunto de cantigas de amor do Conde

de Barcelos. Em um estilo “blues” romântico, o poema parece ser o oposto do primeiro, onde o eu lírico está ainda buscando a amada, neste poema parece já tê-la possuído, sabendo o que isto acarretará em sua visão de mundo, em suas consequências.

Interessante que se compararmos com o último poema, os 4 fecham uma série de auge/clímax, depressão, exaltação e saudade, este parece refletir uma incerteza em possuir o amor desejado, que mesmo juntos parecem divagar em outros “pequenos amores”. Como no primeiro poema a dualidade morte/amor, aqui é substituída pela dualidade prazer/dor, e bem/mal.

Nessa cantiga, o eu lírico parece ter desistido da vida. Ele até é um pouco blasfemo na medida em que afirma: “E já m'El tanto mal fez que nom sei”, ou seja, Deus não o eximiu de malefícios, fez-lhe mal. O eu conclui com a mesma aceitação passiva, do primeiro poema: a força do amor, mas agora com a consciência mais segura dos seus efeitos “românticos”.

### Poema 3

Que muito bem me fez Nostro Senhor  
aquele dia em que m'El foi mostrar  
ũa dona que fez melhor falar  
de quantas fez e parecer melhor.  
E o dia em que mi a fez veer,  
El quis assi que foss'em seu poder:  
u me podia nunca mais bem dar.

Nom já em al, desto som sabedor,  
se m'algum tempo quisera leixar  
ela servir e nõn'a ir matar;  
mais, pois la matou, serei sofredor  
sempre de coita enquant'eu viver;  
ca, sol u cuido no seu parecer,  
hei morte mais doutra rem desejar.

E pois eu nunca doutra rem sabor  
poss'atender pera me conortar,  
mui bem posso com verdade jurar,

polos que dizem que ham mal d'amor,  
que com verdad'o nom podem dizer:  
porque cuidand'i tomam gram prazer,  
o que a mim nunca pode chegar.

Nem [e]sperança nunca poss'haver  
com'outros ham, d'algum bem atender,  
pois eu meu bem nunca posso cobrar.

Esta cantiga é formada por 3 estrofes e não tem refrão. A pequena estrofe no final recebe o nome de finda. Este poema é de uma coloração mais alegre no início, mas tem algumas estrofes em um clima triste. Este poema parece se inserir em um período de vida do poeta em que sua esposa faleceu e ele se tornou viúvo. Pedro Afonso ainda casaria pela segunda vez, mas este poema pertence ao momento de viuvez do autor. Isso significa que muito provavelmente, esse poema é biográfico.

O poema tem um desenvolvimento que vai da felicidade até o momento em que Deus tomou o amor do poeta, ou seja, o momento em que a mulher amada morreu. As suas metáforas são muito belas como o “Sol no seu rosto”, que ele descreve imageticamente a sua amada, provavelmente muito bela.

Seu poema também é uma lamentação, pela perda da amada, resignando-o à saudade. Ele compara a sua amada a outras damas de corte, sempre apreciando mais sua falecida esposa, sendo a poesia uma lembrança, um modo de honrá-la.

A conclusão, ou seja, a finda, alude à desilusão, enquanto os outros podem ter esperança, o eu não pode ter mais, pois perdeu seu amor.

## Poema 4

Tal sazom foi em que eu já perdi  
quanto bem houv'e nom cuidei haver  
que par podesse a outro bem seer;  
mais ora já mi guisou Deus assi  
que, u perdi tam gram bem de senhor,  
cobrei d'atender outro mui melhor  
em todo bem, de quantos outros vi.

E quand'em outra sazom perdi eu  
aqueel gram bem, log'i cu[i]dei que nom  
perdesse coita do meu coração;  
mais agora Deus tal senhor mi deu  
que de bom prez e sem e parecer  
é mui melhor de quantas quis fazer;  
e quis log'i que foss'em poder seu.

Quand'eu perdi aquela que amar  
sabia mais que mim nem outra rem,  
nom cuidava d'atender outro bem;  
mais prougue a Deus de mi o assi guisar  
que, u perdi aquela que amei,  
em outra senhor mui melhor cobrei,  
que me faz Deus servir e desejar.

[Foi] ena sazom em que m'eu queixei  
a Deus, u perdi quanto desejei;  
oimais poss'eu com razom Deus loar

porque me pôs em tal cobro que hei  
por senhor a melhor de quantas sei,  
em que pôs tanto bem que nom há par.

Esta cantiga é formada por 3 estrofes de 7 versos cada e por 2 pequenas estrofes de 3 versos. Ela não tem refrão. Este poema é um “meta-poema”, uma reflexão sobre a escrita poética. Pedro Afonso de Barcelos abre o poema com uma citação bastante conhecida , “Aqueela foi a estação..”, depois descrevendo o par romântico visto de cima, simulando uma maneira de ver o amor como um encontro acima da condição humana, uma visão que apenas os deuses possuem.

Nesse poema, o eu poético parece fazer as pazes com Deus, que outrora lhe havia tirado um amor. Aqui, passado o tempo da dor, Deus teria dado ao eu poético outro amor e até melhor do que o primeiro. Isso nos pode parecer estranho e até deselegante, mas devemos pensar que o eu poético recobrou a paixão, então seu estado presente parece superior ao passado.

As 4 cantigas de amor de Pedro de Barcelos são claramente peças de uma sequência narrativa, como muitas outras cantigas de amor, de amigo, de escárnio e mal dizer. Era comum que os trovadores voltassem a determinados temas, desenvolvendo o que não foi desenvolvido em um cantiga ou grupo de cantigas.

## O cancionero satírico de Pedro de Barcelos – dois exemplos para contraponto

### Poema 1

Rubrica:

*Esta cantiga foi feita a um 'scudeiro que andou aalem-  
mar e dizia que fôra aló mouro*

Alvar Rodríguez, monteiro maior,  
sabe bem que lhi há 'l-rei desamor,  
porque lhe dizem que é mal feitor  
na sa terra; éste cousa certa  
ca diz que se quer ir; e, per u for,  
levará cabeça descoberta.

El entende que faz a 'l-rei pesar,  
se lhi na terr[a] aqui mais morar;  
por en quer ir sa guarida buscar,  
com gram despeit', em terra deserta;  
e diz que pode, per u for, levar  
sempr'a cabeça descoberta.

Essa cantiga tem uma particularidade, apresenta uma rubrica, que esclarece elementos da identidade do protagonista. Trata-se de um sujeito chamado Álvaro Rodriguez (ou Alvar Rodriguez em português medieval), um

personagem da época, “monteiro maior”, ou seja, chefe dos guardas das matas e coutadas, que passou por terras desertas da África e viveu em Portugal. Na África Subsaariana, conheceu o mundo do Islã. Provavelmente por sua vida de aventuras, tenha chamado a atenção de D. Pedro Afonso, levando-o a escrever este poema, quase como uma crônica da época.

O site de onde a cantiga foi extraída guarda esta nota sobre Alvar Rodriguez<sup>6</sup>;

“Este Álvaro Rodrigues, filho de uma dona do Crato, era neto (ou mesmo filho), por via bastarda, do trovador Rodrigo Anes Redondo. Sabe-se, de resto, que, antes de assumir a chefia da Ordem, D. Álvaro Gonçalves Pereira esteve em Rodes, tendo participado no combate aos Turcos, juntamente com os cavaleiros e homens de armas que levava de Portugal, como indica Fernão Lopes.”  
(in\_ <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1460&pv=sim>)

O problema levantado pela cantiga é que o personagem é mal quisto no reino e a razão segundo a qual isso se deve é a sua possível conversão ao Islã: “levará cabeça descoberta”, ou seja, foi circuncisado, por isso, é malfeitor. Não há tolerância aqui, mas a cantiga “noticia” uma possibilidade da época, de um indivíduo converter-se pela proximidade com a cultura do outro e não mais chance de voltar aos seus. É um poema sobre a “exclusão” sobre ser “diferente” do “outro”, sobre não aceitar o próximo, mesmo que este não saiba o que de fato pensam dele.

---

<sup>6</sup> O Site refere-se a esse fato como: Este Álvaro Rodrigues é certamente a mesma personagem satirizada por Estêvão da Guarda em cinco cantigas, também a partir de equívocos que a rubrica que acompanha esta composição ajuda a compreender: tratar-se-ia de um cristão que se teria (pelo menos temporariamente) convertido ao islamismo, na sua passagem pelo Norte de África. Como faz notar Rodrigues Lapa, parece haver certo desfasamento entre a sua identificação como escudeiro, feita pela rubrica, e a sua qualidade de monteiro-mor, referida na cantiga. Seja como for, o retrato de um Álvaro Rodrigues despeitado com o desfavor do rei não é certamente a única leitura possível para a composição (que poderá, aliás, estar incompleta): de facto, a repetida referência à *cabeça descoberta*, feita no refrão, será certamente uma alusão sexual (à circuncisão, único facto que poderá justificar as informações da rubrica). (in\_ [cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1460&pv=sim](http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1460&pv=sim)).

## Poema 2

Rubrica:

*Esta cantiga foi feita a estes cavaleiros que aqui conta,  
que prometerom um alão e sabujos, segundo aqui é  
escrito; e, pero que lhos enviarom pedir, nom os  
quiserom dar; e o Conde fez-lhis por en esta cantiga.*

Mandei pedir noutro dia  
um alão a Pai Varela  
pera ãa mia cadela,  
e diss'el que mi o daria;  
e per como mi o el dá,  
eu bem cuido que verrá  
quand'aqui veer Messia.

Outrossi Pero Marinho  
dous sabujos mi há mandado  
lá da terra de Condado;  
e disse-m'um seu mininho  
que bem certo foss'eu disto:  
pois veer o Antre-Cristo,  
verrá com el per caminho.



Eu nom foi homem de siso,  
u mi as promessas faziam,  
duvidando ca verriam;  
e entolha-xe-me riso  
de que o foi duvidando:  
pois já sei que verram quando  
for Judas no Paraíso.

Certamente este é o poema mais ilustrativo do aspecto cultural da época e da maneira como os nobres da corte se entretinham. Elementos religiosos são evocados como balizas para o fim dos tempos ou para o nunca... Trata-se de uma cantiga, novamente beneficiada com uma rubrica, que a explica muito bem. Cavaleiros vassalos do conde lhe prometeram coisas – cães de caça, mas não cumpriram o prometido. O conde assume foi burlado e observa que talvez esses indivíduos cumpram o combinado quando vier o Messias, o Anticristo ou Judas entrar no paraíso.

Esta cantiga, bem como a primeira não tem refrão, ainda que neste caso as referências bíblicas, sem repetirem exatamente o conteúdo, reiteram a significação. Uma outra maneira de construir um refrão.

As cantigas satíricas preservadas pelo tempo são 6 no total. Se dispostos em ordem cronológica de tempo em que foram escritas é possível traçar uma linha comum a todas elas. As primeiras referem-se a personagens da corte, ora depreciando-os ora usando como exemplos de correção do povo. As seguintes expressam elementos tipicamente medievais, com temas religiosos como, a morte, o paraíso a distância do Islam, etc. Observa-se também uma frequente

menção à “paisagem” cultural da época com os trovadores, festas medievais e feiras de comércio.

Das poesias preservadas dispomos aqui apenas duas que se seguem acima, mas todas seguem o mesmo padrão, um personagem central e uma crítica moral. Às poesias de D.Pedro somam-se às cantigas de lírica amorosa, das quais dispomos todas as 4, no capítulo anterior. Devem-se ler estas poesias sempre em seu contexto maior, observando a linha temporal da Alta Idade Média com seus valores e costumes.

## CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, podemos notar muitas coisas interessantes a respeito da forma dos trovadores trabalharem. Como foi dito no início, esta classe de livres pensadores eram o exemplo mais genuíno da vertente poética e literária da época.

Portanto, falar da poesia dos trovadores significa também entrar em um mundo literário onde a “literatura” era expressa em si mesma, quer de forma meta-poética, quer como um gênero que englobava a poesia, a crônica e os registros históricos.

Então ao analisar estes poemas deve-se contrabalançar com uma visão “literária” com um peso maior a questão linguística do que ao pensamento historiográfico afinal.

Pensar que o Português como língua nasce na Idade Média é também fazer um elogio à forma “aberta” do Latim, significa pensar a língua portuguesa como uma extensão do Latim, e não como algo genuinamente novo, embora os trovadores se apoiassem nesta idéia.

Outro aspecto interessante, e que foi detalhadamente exposto, é a figura de D. Pedro Afonso de Barcelos, figura central neste estudo. Conforme a análise dos poemas chega-se a uma conclusão quase comum que se trata de um nobre bom e caridoso neste sentido. Sua obra poética expressa uma beleza e um conjunto de valores apreciáveis a um nobre da época.

Enquanto se fazia esta monografia, surgiram questões além da tese central que seria justo colocá-las aqui, nesta conclusão. Ao analisar os poemas, detivemos em uma questão primordial, seriam os poemas (ou melhor, os

“cancioneiros”) a única forma realmente “popular” de arte? Seriam a única forma do povo mais simples e alguns letrados de apreciar uma arte literária genuinamente “vernácula”?

Outra questão levantada é a comparação entre este mundo e o mundo pós-moderno de hoje. Atualmente temos, musicas, cds, dvds e outras formas de arte que proporcionam o “êxtase” artístico. Mas isto caberia à obra de D.Pedro Afonso de Barcelos? Seria sua obra uma tentativa de provocar um “êxtase” artístico semelhante ao o que ocorre hoje?

Estas perguntas poderão ser respondidas por outros pesquisadores e em outras teses, sendo um aspecto interessante, do qual não conseguimos responder aqui, nesta monografia.

Também queremos elogiar o trabalho de Adriana Mocelim, um trabalho abrangente de grande envergadura que baliza a construção de uma análise mais completa de D.Pedro Afonso de Barcelos no Brasil. Acredita-se que este presente trabalho complementa a visão de Mocelim, mais focado, como já dissemos ao aspecto literário e linguístico da obra de D.Pedro de Barcelos.

Para o leitor desta obra, pode-se perceber, uma linguagem mais limpa, sem chavões historiográficos, feita propositalmente para ressaltar a visualização de D.Pedro de Barcelos, além de se pressentir que esta é o futuro dos trabalhos na moderna “Historiografia”.

Gostaríamos de lembrar que todos os poemas e notas sobre D.Pedro encontram-se no site ([www.cantigas.fcsh.unl.pt](http://www.cantigas.fcsh.unl.pt)) que foi de imensa ajuda a este trabalho, sendo o local de fontes sobre este cancioneiro o mais completo possível.

Gostaria de agradecer imensamente à Prof.a Dr.a Marcella Lopes Guimarães, pela direção e condução desta monografia, que se tornou mais reluzente, clara, limpa e concisa com sua ajuda. Gostaria de agradecer a possibilidade de trabalhar com ela, pois ela com muita alegria aceitou ser a orientadora deste trabalho, e talvez não conseguiria me formar sem ela.

Ao final, gostaria de agradecer a minha família, pela ajuda, paciência e amor. Aos meus pais e a minha irmã pelo seu amor, muito obrigado. Espero que este trabalho possa ter uma boa aprovação e que permita a continuação de uma prestigiosa carreira acadêmica.

## BIBLIOGRAFIA

BARROS, José d'Assunção. "Os trovadores ibéricos e as tensões sociais: enfrentamentos Inter nobiliárquicos (séculos XIII e XIV)". Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/16146/10354> (acesso em 14 de julho de 2014).

*Dicionário de História de Portugal* de Joel Serrão.

*História de Portugal* de Verissimo Serrão.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O Jogo como elemento da cultura* (6ªed.). São Paulo: Perspectiva, 2010.

LANCIANI, Giuseppe, TAVANI, Giulia. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (2ªed.). Caminho: Lisboa, 2000.

MATTOSO, José. *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*. Lisboa: Estampa, 1981.

Monografia, dissertação, tese e artigos de **Adriana Mocelim**.

OLIVEIRA MARQUES. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Ed.da USP, 1996.

